REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.os	Semest. 18 n.os	Trim. 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

8.º ANNO — VOLUME VIII — N.º 237

21 DE JULHO 1885

REDACÇAO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administador da empreza.

CHRONICA OCCIDENTAL

Aqui ha tempos falámos n'uma das nossas chronicas, n'uma revista quinzenal que começava a publicar-se em França, por conta da *Associação litteraria internacional*, dirigida pelo conhecido romancista Jules Lermina, e falamos d'ella, se bem nos lembramos, acêrca d'umas correspondencias de Lisboa cheias de inexactidões e escriptas com um facciosismo parcialissimo que essa revista publicava, e que prejudicavam altamente as coisas portuguezas, contando-as ao estrangeiro, completamente deturpadas e desfiguradas.

Pois essa revista — *Revue Universelle*, — publicou recentemente uma deliciosa poesia de Louis Ratisbonne *La main et la bouche*, uma poesia formosissima, patriotica, que o OCCIDENTE publica hoje graças á amabilidade do eminente litterato portuguez que a traduziu em magnificos versos que, coisa rara em traducções, mais fazem realçar as bellezas do original.

Começamos a nossa chronica chamando a attenção dos nossos leitores para essa poesia, porque razões especiaes fazem que o seu traductor a não assigne. Se elle a assignasse seria desnecessario chamar para esses versos a attenção, o nome illustre do traductor, um dos nomes mais gloriosos e brilhantes das nossas lettras, imporia a todos a sua leitura.

Acabamos de receber n'este momento um livro novo d'um auctor já muito conhecido e muito festejado na nossa terra, d'um trabalhador infatigavel, serio e convicto, que tem dado ás lettras portuguezas obras de alto valor — o sr. Julio Lourenço Pinto.

O romancista da *Margarida*, do *Senhor deputado*, do *Homem indispensavel*, dá-nos agora um livro de critica, um genero pouco cultivado em Portugal.

Chama-se *Esthetica naturalista* esse grosso volume editado pela livraria portuense de Lopes & C.ª e divide-se em cinco partes:

Realismo na arte — Theorias da arte — Poesia philosophica e scientifica — Naturalismo no theatro — A these no romance.

Como vêem é um livro de estudo serio, de profunda locubração critica, que deve ser lido com demorada attenção, e que tem direito a muito mais do que a uma noticia secca de «recebemos e agradecemos» ou a um reclame de livraria.

Recebemos o livro agora mesmo, e folheamol-o apenas rapidamente, para não deixar de noticiar desde já o seu apparecimento, como um bom aviso a todos aquelles que se interessam pelas altas questões da arte seria, que pensam, que discutem e que estudam.

Vamos lêr a *Esthetica naturalista*, com o interesse que nos merecem em geral todas as peças d'esse longo processo intentado de ha muito entre os naturalistas e os romanticos, e em particular todos os trabalhos litterarios de Lourenço Pinto.

Vamos lêl-o e depois diremos francamente o que pensarmos do novo livro do valente luctador do naturalismo em Portugal, e daremos tambem a nossa modesta opinião individual sobre essa lucta de escolas, lucta que no fundo se baseia apenas sobre o *processo*, que emquanto ao fim a que se propõe é o mesmo em ambas as escolas.

Cercare il vero é o alvo a que mira hoje todo o trabalho litterario contemporaneo: que a verdade é o grande, o unico, o luminoso ideal a attingir, estão de accordo todas as escolas: sobre o modo de realisar esse ideal, de procurar essa verdade é que ha as profundas dissidencias.

O sr. Lourenço Pinto é um escriptor de primeira plana, tem um criterio alevantado e lucido, um estudo aturado e consciencioso: em todos os seus trabalhos ha sempre sobretudo uma grande convicção artistica que se impõe ao nosso respeito e á nossa estima: podemos não estar sempre de accordo com as suas opiniões, divergir das suas theorias, ter pontos de vista diversos, mas o que não podemos deixar de ter sempre é profunda consideração pelo seu talento brilhante, e entranhada sympathia pelo seu corajoso trabalho.

A livraria Lopes & C.ª, do Porto, que succedeu á firma Clavel & C.ª é credora tambem da nossa sympathia, do nosso applauso, pela publicação da *Esthetica naturalista*.

Publicar romances portuguezes é já uma coragem digna de tanto maior elogio, quanto de dia para dia é menor o numero d'aquelles que a tem; publicar um livro de estudos criticos é um arrojo de editor que merece toda a consideração dos homens de lettras da nossa terra.

Publicar um livro de Esthetica, pode não ser um bom negocio commercial, mas é com certeza uma boa obra litteraria.

Felicitamos e applaudimos por ella os editores do ultimo livro de Lourenço Pinto.

VISCONDE DE SAGRES — FALLECIDO EM 10 DO CORRENTE (Segundo uma photographia de Madeira)

Foi já novamente julgada no tribunal da Boa Hora, a hespanhola Julia Fernandes, a criada e a parteira, os tres personagens que figuraram no primeiro plano da comedia do parto simulado, da calçada do Combro.

Como no primeiro julg mento, o jury deu por não provado o crime de que as tres mulheres eram accusadas, e o juiz, que era o mesmo que annullára a decisão do primeiro jury, teve que se submetter a identica decisação dada pelo segundo jury consultado.

O crime de Julia Fernandes, e dos seus cumplices, foi pois julgado pelo dobro dos jurados que ordinariamente costumam julgar todos os crimes.

Vinte homens declararam que, em consciencia, isto de fingir ter um filho para se enganar um homem, de querer fazer passar uma creança como pertencente a um pae que não tem nada com elle, não é crime.

Porque sobre a existencia do facto não podia haver a mais ligeira duvida. Provou-se exhuberantemente, completamente: provou-o a confissão da ré, ou antes das duas rés, da Julia Fernandes que quiz passar por mãe aos olhos de seu amante, e da parteira que proporcionou a criança para justificar a sua maternidade, provou-o a confissão da criada Persilia Rosa, que foi cumplice n'esse logro, e dando de barato que a confissão das rés não possa fazer prova em juizo, provou-o á saciedade o depoimento de todas as testemunhas de accusação, provou-o o depoimento importantissimo dos medicos que, negando a existencia real da maternidade na pessoa de Julia Fernandes, provou a simulação d'essa maternidade.

O jury decidindo por duas vezes que não estava provado o crime, quiz dizer apenas que no facto em questão de simular um parto não houvera intenção criminosa. E nós estamos perfeitamente de accordo com esses vinte jurados, e se lá estivessemos teriamos dado identicos *veridictuns*, pelo menos em relação á ré Julia Fernandes.

Evidentemente a peccadora hespanhola não pensou um momento sequer em que praticava um crime, fingindo-se mãe de um filho que não tivera.

O que ella queria era prender mais a si o seu amante, era ligal-o pelos laços fortissimos do amor de pae, já que a cadeia do amor de amante ia estando muito enferrujada e ameaçava quebrar-se. Aquillo foi um estratagema mais ou menos habil, menos, porque falhou completamente — estudado em qualquer arte de amar, de mestre muito mais moderno que Ovidio, ou mesmo do que Gentil Bernard, e o jury andou avisadamente, não comprehendendo esse estratagema que no fim de contas tinha um fim louvavel, santo, o da rehabilitação, com essa immensidade de crimes que quotidianamente se praticam por toda Lisboa e que muitas vezes ficam impunes. A posição da parteira era muito menos sympathica, e a sua intervenção no facto, menos desinteressada que a da hespanhola.

Os jurys entenderam ambos envolvel-a na mesma benevolencia, no mesmo perdão, e a nós, cumpre-nos, como a toda a gente, acatar e respeitar a opinião d'esses jurados que votaram unicamente com a sua consciencia.

Da primeira vez o juiz usando da faculdade que a lei lhe concede annulou a decisão do jury e fez submetter as indicadas criminosas a segundo julgamento.

N'esse segundo julgamento viu-se obrigado a curvar a cabeça á opinião do jury, e as tres accusadas foram postas em liberdade, tendo apenas por castigo real do seu não provado crime a prisão que soffreram até ao resultado do seu ultimo julgamento.

Temos recolhidas ha certo tempo umas considerações a fazer ácerca do jury entre nós, e do modo porque elle está organisado. Ainda hoje, porém, lhes não daremos vazão porque nos falta o espaço e porque não queremos que essas considerações suggeridas pela analyse de muitos e muitos factos seja de fórma alguma tomada á conta de um facto especial e determinado, por quanto repetimos concordamos absolutamente com a decisão do jury que absolveu a accusada Julia Fernandes.

Alguns artistas do theatro da Trindade constituiram-se em sociedade para explorar aquelle theatro nos dois mezes de ferias, julho e agosto.

A primeira peça que poz em scena essa sociedade foi a *Niniche*, e um *successo* enorme de applausos e de dinheiro coroou o seu primeiro trabalho.

A *Niniche* apesar de muito vista em Lisboa teve enormes enchentes e ruidosos applausos.

Isto prova-nos que no fim de tudo, estes mezes de verão que os theatros de Lisboa tanto temem são exactamente os melhores mezes para theatro, e por essa rasão mesma.

De inverno ha muito onde passar a noite, funccionam ao mesmo tempo todos os theatros, ha bailes, ha soirées, ha reuniões de familia, ha uma immensidade de espectaculos e de divertimentos — immensidade em relação á população de Lisboa e aos seus habitos, bem entendido — onde passar as noites.

De verão acontece inteiramente o contrario. Todos os theatros fecham, as soirées e bailes acabam, os divertimentos falham absolutamente e este anno ainda muito mais que nos outros, e no fim de tudo o lisboeta que não póde ou não quer sair de Lisboa n'estes dois mezes de verão não tem parte alguma *où passer ses so'rées*.

Um theatro que forneça n'estas noites insipidas um espectaculo que possa fazer passar algumas horas entretidas hade fatalmente ter *successo* e ser concorrido.

É o que está acontecendo ao theatro da Trindade com a sua *Niniche* e o que lhe acontecerá com as peças que successivamente montar.

A companhia é pequena mas tem artistas de muito merito e que gozam das sympathias geraes, e explorando a Trindade nos mezes de julho e agosto essa companhia faz um bom negocio para si e um bom serviço para o publico, duas coisas que andam quasi sempre ligadas.

Gervasio Lobato.

A MÃO E A BOCA

Um dia a Mão ferina
diz, flagellando a Boca:
Silencio. louca!
No mundo sou eu só quem reina e quem domina.
E a Boca responde: E insano
tentar suffocar-me a mim.
Sou o pensamento humano,
a palavra, o Verbo, emfim
sou o grito da Verdade
e o sopro da Liberdade!
— Sou o facto brutal.
— Sou o direito augusto!
— Sou a força e o poder.
— E eu sou o santo e o justo!
— Sou eu só, eu a Mão que aos maus terror infundo.
— E sou eu que delato a tyrannia ao mundo.
— E a Mão que peleja e que força a victoria.
— Sim: mas sou eu que dou ou que recuso a gloria.
— Sentirás, sentirás de um vencedor o pulso.
— Tu de um vencido exangue o protestar convulso.
— Protesta, fazes bem! mas ninguem te redime.
— Eu s.rei o martyrio e tu serás o crime.
— Não percas tempo assim! Teu dissertar já cança.
— O tempo? E a meu favor! o tempo é a minha esp'rança!
— D'elle que esperas tu?
— Espero a Patria!
Espero
ver raiar a justiça apoz o desespero!
Espero o despertar depois da noite horrenda,
o meu direito, emfim, que, como um sol, resplenda.
— Essa lingua, bem sei, de hyperboles fecunda
com palavras a flux facilmente me inunda.
Mas, se os dentes quebrando, a injuria amordaçar?
— Fica a minha alma isenta e vai te amaldiçoar!
— Rebelde, é já demais! A tua voz, escrava,
ousa affrontar me assim! Vá! Emmudece! Grava
este lemma sinistro o meu gladio: Morreu
o direito!
— Bem sei! Tambem Christo!... e venceu!

Cheia de raiva atroz, sobre a Boca serena
A dura Mão pesou, como p'ra a suffocar!
Era o teu labio. Alsacia, e o teu labio, Lorena.
Mas sempre a Boca, emfim, consegue triumphar,
Vingava-se a immortal c'o assobio implacavel
E os vis dedos brutaes sentiam-se tremer!
Tu bem sabes, ó Mão! bem sabes, miseravel!
que basta para em pó teu jugo desfazer,
com os teus mil canhões, com o teu povo armado,
que a Boca oppressa exhale um s.spiro angustiado!

Luiz Ratisbonne.

AS NOSSAS GRAVURAS

O GENERAL VISCONDE DE SAGRES

Falleceu no dia 10 do corrente mez de julho pelas 3 horas e meia da tarde, o general de divisão, commandante da 1.ª divisão militar, Carlos Benvenuto Casimiro, primeiro visconde de Sagres.

Era o fallecido general dotado de intelligencia, muito bom senso, animo conciliador e espirito esclarecido. Na sua longa carreira militar dera provas não só d'esses dotes, mas de valor e brio e de um caracter firme e inaccessivel a suggestões malevolas. É por isso que, apezar da sua avançada edade e do padecimento que ha alguns annos o tinha por vezes feito julgar quasi perdido, todos os militares e ainda os individuos de outras classes se interessavam pelas suas melhoras e se regosijavam quando o viam restabelecido.

Assentara praça o fallecido general a 29 de agosto de 1821, como cadete e logo a 20 de setembro immediato foi promovido a alferes. Esta data indica-nos o caminho que havia seguir o futuro general e quaes as idéas com que entrava no serviço militar. Havia-se realisado um anno antes a famosa e pacifica revolução de 1820, estavam reunidas as magnas cortes, discutia-se e preparava-se o primeiro codigo constitucional, que havia de ser promulgado poucos mezes depois. O enthusiasmo que esses factos despertavam dentro e fóra do paiz são conhecidos de todos e acham-se conglobapos de pag. 117 em deante no nosso 2.º vol. — Quando por morte de D. João VI se levantou contra os direitos e legitimidade de D. Pedro IV, a revolução feita por D. Miguel e seus sequazes, Carlos Benvenuto teve que seguir a sorte dos seus irmãos de armas e emigrou para Inglaterra.

Reunindo-se nos Açores ao grupo liberal que alli tinha hasteada a bandeira da liberdade, entrou em quasi todas acções d'esse periodo para sempre memoravel. Foi então promovido a tenente a 11 de outubro de 1831, finda a campanha a capitão em 24 de junho de 1834 e seguindo os postos, segundo a morosidade do nosso paiz, foi elevado ao generalato a 29 de setembro de 1862, sendo promovido finalmente a general de divisão a 21 de janeiro de 1876.

Quando falleceu o general conde de Castello Branco, apezar de ser ainda general de brigada, foi-lhe confiado interinamente o commando da 1.ª divisão militar, cargo em que foi difinitivamente provido pela sua promoção a general de divisão e no qual deu provas da maior sizudez e lealdade, sendo n'elle conservado e respeitado por todos os partidos.

Do seu valor falam as ordens do exercito, medalha de oiro e a grã-cruz da Torre Espada que lhe ornava o peito; dos seus serviços a respectiva medalha e a grã-cruz de Aviz e outras condecorações com que a justiça regia o recompensou, o titulo de visconde que lhe foi conferido e o pariato a que foi elevado em 2 de dezembro de 1878.

Havia o general nascido a 4 de abril de 1804 e era filho do general Emygdio José Lopes da Silva e de sua esposa D. Marianna Casimira da Silva. De seus dois filhos restavam apenas uma filha, casada no Brazil e uma neta, filha de seu fallecido filho, tendo o general soffrido com resignação e coragem a perda d'estes entes queridos.

Cheio de serviços e venerado pelos seus camaradas desceu o velho general á sepultura a descançar das fadigas do mundo, cercado do respeito e das homenagens da nação, que se honra sempre quando honra os seus filhos benemeritos.

VISCONDE DE S. THIAGO DE RIBA-D'UL

Em poucos mezes dois benemeritos portuguezes, dos que mais souberam distinguir-se e honrar o nome portuguez em terras de Santa Cruz, desappareceram d'entre os seus compatriotas, para a eternidade, a descançar da incessante lida em que se lhes consummiu a existencia laboriosa e luctadora de todos aquelles que se elevam por si, do humilde berço em que nasceram ás posições mais respeitaveis e prestadias da sociedade.

Hontem Eduardo Lemos, o infatigavel promotor do desenvolvimento commercial americano na Europa, fazendo a grande propaganda do café brazileiro nos principaes centros de commercio europeus Hoje o visconde de S. Thiago de Riba-d'Ul, um não menos esforçado portuguez, que soube alliar ao engrandecimento proprio, um sem numero de beneficios que espalhou pelos seus compatriotas, quer na patria adoptiva quer na mãe patria que nunca olvidou, e que bem ao contrario teve sempre presente para todos os grandes rasgos do seu coração generoso, do seu espirito elevado.

Nasceu José Joaquim Godinho, visconde de S. Thiago de Riba-d'Ul, na freguezia de S. Thiago de Riba-d'Ul, concelho de Oliveira de Azemeis, aos 12 de dezembro de 1836, filho de uns pobres e honrados lavradores, que com grande difficuldade lhe poderam ministrar uma educação litteraria elementar, como a que então e ainda hoje, se póde obter nas pequenas aldeias de Portugal.

Aos 14 annos foi para o Rio de Janeiro, por indicação de um seu tio, sr. Joaquim Antonio Ferreira da Silva, capitalista e antigo negociante, que lhe encaminhou os primeiros passos da sua carreira.

A sua intelligencia e applicação ao commercio em breve lhe grangeou meios de se poder estabelecer, e em poucos annos José Joaquim Godinho se destinguia muito favoravelmente entre a grande colonia portugueza do Rio de Janeiro.

Em 1855 já elle empregava os seus bons serviços em favor da patria, obtendo donativos para acudir aos habitantes de Cabo Verde, então victi-

mas da fome pela grande secca que assolou aquelle paiz.

Começavam a manifestarem-se os sentimentos generosos do moço portuguez, que no meio das suas fadigas, não esquecia os que na patria soffriam os horrores da fome

D'esta data em deante entrava Godinho na vida activa da colonia portugueza, prestando a sua cooperação ás sociedades portuguezas fundadas no Rio de Janeiro, desempenhando importantes cargos, em grande parte d'ellas.

É assim que o encontrámos successivamente, mordomo do Hospital da Sociedade de Beneficencia Portugueza do Rio de Janeiro, estabelecimento que elle ajudou com valiosos donativos; presidente da direcção do Lyceu Litterario Portuguez; vice-presidente do Gabinete Portuguez de Leitura; director do Banco Rural e Hypothecario, e muitas outras commissões que seria longo enumerar.

Em todas as grandes subscripções promovidas no Rio de Janeiro com destino a Portugal, quer para occorrer ás calamidades, como foi a cheia de 1876, ou para instituições de caridade, como os Albergues Nocturnos, tomou sempre parte muito activa José Joaquim Godinho, e as honras com que a patria o distinguiu, fazendo-o commendador da ordem da Conceição, conferindo-lhe em 1882 o titulo de visconde de S. Thiago de Riba-d'Ul, foram bem merecidas, porque assentaram n'um homem generoso e que pela sua intelligencia se honrou a si e á patria.

Não esqueceu a terra da sua naturalidade, dotando-a com uma escola e enchendo-a de outros beneficios, como filho grato que se não envergonhava da humildade do seu nascimento, mas antes tinha muito que se gloriar pela distancia que vencera, por seu proprio merito, entre os dois extremos da sua vida.

Este prestante e util cidadão finou-se no Rio de Janeiro, na sua casa da rua do Ouvidor, a 12 de junho proximo passado, e a sua morte foi noticiada pela imprensa brazileira com verdadeiro sentimento, manifestando a grande sympathia que o finado gozava na capital do imperio americano e quanto era sentida a sua falta.

O Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro encerrou as suas portas por tres dias, suspendendo todo o expediente e tomando lucto por quinze dias a direcção e empregados.

O Lyceu Litterario Portuguez suspendeu as suas aulas e egual resolução tomou o Lyceu de Artes e Officios. A direcção da Real Sociedade Club Gymnastico Portuguez transferiu um sarau que tinha preparado para aquelle dia, e todas estas demonstrações de sentimento e consideração pelo morto se fizeram expontaneamente, significando os altos merecimentos e relevantes serviços que despertavam tamanha gratidão.

A essa manifestação de pezar nos associamos hoje no OCCIDENTE, publicando o retrato do benemerito portuguez, que devemos á amabilidade de seu genro, o sr. A. J. Ferreira da Silva, que obsequiosamente nol-o cedeu; e juntando-lhe esta breve noticia biographica aqui registamos mais um nome querido, por tantos titulos digno do respeito e veneração dos portuguezes.

C. A.

CINTRA — VILLA ESTEPHANIA

A villa Estephania é uma recordação que a rainha do mesmo nome, esposa de D. Pedro V, deixou da sua breve passagem por Portugal, onde viveu pouco, arrebatada pela morte prematura aos disvellos do seu querido esposo e á sympathia que em tão pouco tempo soube ganhar ao povo portuguez.

Foi esta rainha que fundou a villa Estephania, situada á entrada de Cintra, d'onde apenas dista menos de 1 kilometro, ou 24 kilometros ao norte de Lisboa.

D. Estephania, indo por vezes a Cintra passar algum tempo no palacio real, dava repetidos passeios pelos arrabaldes da villa, e, vendo aquella grande extensão de matto, onde não havia uma barraca sequer, não obstante o sitio ter condições para ser habitado, nutriu a idéa de fundar alli uma pequena villa, dispondo para isso do mais que podesse do seu bolso, e, de accordo com o monarcha seu marido, tratou de pôr em pratica a sua idéa.

Principiou por mandar arrotear uma parte dos terrenos, abrindo uma extensa rua propria a edificar habitações. Lançou os alicerces de uma capella, e todas as obras proseguiam com grande incremento quando a morte da fundadora fez parar os trabalhos. D. Pedro V ainda continuou depois na mesma empreza, mas o pouco tempo que sobreviveu a sua esposa não lhe permittiu o adiantar muito mais a fundação da pequena villa, a que deu o nome de Estephania.

Entretanto os primeiros trabalhos animaram alguns proprietarios a edificarem casas na rua principal, e pouco a pouco outros teem seguido o exemplo, a ponto de já hoje a villa Estephania contar propriedades muito bonitas, com suas quintas de regalo, e ser uma estação de verão das mais apreciaveis e mais frequentadas por familias de Lisboa, que muitas alli teem feito casas de campo com toda a commodidade e bom gosto.

O novo caminho de ferro de Cintra tem uma estação na villa Estephania, e este grande melhoramento vae dar fatalmente á nova villa um grande desenvolvimento, porque augmentará alli o numero das edificações, e não será para admirar que a villa Estephania venha a supplantar a velha villa de Cintra, não só pela sua situação menos accidentada, mas tambem pelas suas ruas e suas casas, que não teem a estreiteza das de Cintra, e offerecem todas as commodidades das construcções modernas.

Independente d'isto, as bellezas naturaes de Cintra são sempre as mesmas, e essas não se usurpam. Quem fôr á villa Estephania vae a Cintra, vae a S. Pedro, vae a Collares, vae á Pena, visita emfim todos os arredores, porque são todos elles que constituem a belleza inexcedivel d'aquelle jardim natural, que tanto floresce na planicie como entre os penedos da serra, e cujos caminhos são verdadeiros tunneis de verdura.

ERNESTO CHARDRON

Na historia da litteratura moderna portugueza figura mui distinctamente o nome de Ernesto Chardron, como o que mais concorreu para o desenvolvimento e propaganda da mesma litteratura, no que ella tem podido produzir, n'este periodo de decadencia relativa.

É por isso que hoje registramos em nossas paginas a morte do intelligente editor, deixando gravado n'ellas o seu retrato e acompanhando-o com alguns dados biographicos.

Ernesto Chardron de origem franceza, nasceu n'uma pequena aldeia do departamento das Ardennes, aos 9 de agosto de 1840.

A sua primeira applicação foi á agricultura, mas a natural tendencia que tinha para a vida commercial moveu-o a procurar instruir-se n'esta profissão, que se propoz seguir.

Um seu tio residente em Paris tinha relações com Nicolau Moré, estabelecido na cidade do Porto com commercio de livros, e em 1858 enviou o sobrinho ao seu amigo Moré, o qual o empregou como caixeiro no seu estabelecimento.

Principia aqui a vida do futuro editor, que logo de principio teve que vencer as difficuldades de uma completa ignorancia do genero de commercio em que tinha de trafegar, além de não conhecer a lingua portugueza.

Não foi, porém, preciso muito tempo para Chardron se orientar sufficientemente em uma e outra cousa, e ao fim de tres annos, occupava o logar de gerente da livraria, pela sahida d'este empregado.

Em 1869 estabelecia-se Ernesto Chardron, fundando uma nova livraria que denominou Livraria Internacional, e principiou os seus trabalhos de editor com um arrojo e coragem pouco vulgares em Portugal, muito especialmente no commercio das lettras, sem serem de cambio.

Foi o maior editor de Camillo Castello Branco; todos quantos tem produzido livros em Portugal, se póde dizer, lhe confiaram as suas edições, e Ernesto Chardron a todos acolhia, quer viessem precedidos da fama de obras já apresentadas em publico, quer viessem fazer as suas estreias em lettra redonda.

Foi assim que o infatigavel editor conseguiu n'um periodo relativamente curto, editar um grande numero de livros, e pôl-os em circulação por todo o paiz, Brazil e Africa, correndo o risco d'estas especulações quasi temerarias n'um paiz em que o negocio de edições é dos mais falliveis, pela indifferença do publico que lê pouco e ainda menos paga o que lê.

Foi grande a propaganda que Ernesto Chardron fez, e com a sua coragem e insistencia, não houve aldeia de Portugal onde não conseguisse levar o livro, além das enormes partidas de livros que espalhou pelo Brazil, com um verdadeiro desprendimento, com a intenção de quem semeia cem para colher dez.

Se toda a largueza do negocio de Ernesto Chardron produzisse os lucros que era licito esperar, elle seria millionario, mas esses lucros reduziram-se a uma modesta abastança, que mal compensou os grandes esforços do editor que consummiu a vida entre as commoções de um negocio sempre arriscado e cheio de difficuldades de toda a especie. A vida do editor, como a do emprezario, é sempre attribulada; por cada triumpho, tem grandes decepções; conhecer a melhor maneira de encaminhar as suas especulações, constitue uma sciencia muito vaga, em que não basta conhecer o gosto publico ou o prestigio que o auctor tem sobre esse mesmo publico, porque mil coisas imprevistas podem transtornar os calculos de um exito que se tenha por seguro, e outras mil coisas indecifraveis podem exceder o exito do que se julgava apenas mediocre.

É assim, onde o publico não tem uma opinião firme, e critica sobre o que se lhe apresenta, e onde o gosto está por fazer.

No meio d'este mar de duvidas, Ernesto Chardron foi dos que cantou mais victoria, mas tambem foi dos que mais se arriscou, prestando com isto um verdadeiro serviço á litteratura portugueza que muito lhe deve, porque elle muito a animou, fazendo correr impressos algumas dezenas de livros, que sem o seu auxilio teriam ficado no lymbo, á mingua de editor.

Ernesto Chardron já de ha muito sentia os effeitos da sua vida agitada, e tinha-se retirado um pouco da brecha, para descançar e cuidar da saude arruinada.

Era já tarde. A doença venceu, e a morte chegou a abeirar-se d'elle no dia 29 de junho ultimo, anniquilando aquella existencia tão fecunda, antes de completar os 49 annos.

C. A.

ESTABELECIMENTOS SCIENTIFICOS DE PORTUGAL

JARDIM BOTANICO DE COIMBRA

Se os jardins botanicos são de maxima utilidade para o ensino da Botanica, os museus e os herbarios tem importancia não menor.

Se nos jardins são cultivadas as plantas, nos museus deve ver-se os productos que essas plantas fornecem ao homem, e assim o museu completa o jardim. Por isso, junto de todos os jardins botanicos regularmente organisados, ha museus, onde se vêem as applicações das diversas plantas. Foi por egual razão que promovi a formação de um museu d'esta natureza, completando o bello jardim botanico de Coimbra, de que os leitores do OCCIDENTE tem conhecimento por algumas gravuras e por um artigo do infeliz dr. A. F. Simões.

As gravuras que acompanham esta noticia dão idéa do museu e do herbario.

O MUSEU

O museu teve organisação quasi definitiva depois que vi em 1878 os riquissimos museus de Kew. Aproveitei alguns objectos que existiam no museu de historia natural, comprei muita cousa e por intervenção de amigos colligi quanto pude. Das possessões portuguezas recebi muitos objectos. Não é facil mencionar n'esta curta noticia todos os que me auxiliaram, mas não devo deixar de escrever o nome do ex.^{mo} sr. J. A. Corte Real, hoje consul portuguez em Marselha. Quando exerceu o logar de secretario do governo de Macau usou de toda a sua influencia, e conseguiu mandar uma collecção curiosissima de productos da industria chineza, que muito enriquecera o museu.

No museu encontram-se productos diversos, todos de origem vegetal, modelos representando a organisação das plantas, vistas e planos de jardins botanicos de varias partes da terra, retratos dos homens a que a botanica deve serviços notaveis, etc

Actualmente estão os objectos dispostos na sala que foi refeitorio dos frades, e n'uma pequena sala que serve de entrada.

N'esta estão as madeiras, caules de fetos arboreos, exemplares de *Welwitschia*, singular planta africana, e alguns curiosos exemplares de *cordas* de S. Thomé, que foram offerecidos pelo ex.^{mo} sr. Vicente Pinheiro. Estão alli tambem exemplares dando a conhecer a industria da resinagem do pinheiro, vendo-se os instrumentos, os productos, e a par d'isso, troncos de pinheiro atacados pelo cogumelo, que tão graves prejuizos causa a estas arvores.

Na sala grande, no topo, ha n'um armario numerosos exemplares de anomalias vegetaes, modelos de cogumelos, entre os quaes alguns dos que atacam as plantas, taes como o *oidium*, etc. Ahi estão tambem modelos representando as plantas carnivoras.

Ao longo da parede da sala ha uma estante, na

qual estão exemplares pertencentes ás *cryptogamicas vasculares, monocotyledoneas* e *dicotyledoneas,* sendo tudo disposto por familias naturaes e tendo cada familia no rotulo correspondente um planispherio, no qual é indicado a côres, a distribuição geographica dos membros d'essas familias.

Encontram-se ahi, por exemplo, os productos que a industria tira do pinheiro — productos resinosos; massa para papel e o papel fabricado com ella; a lã do pinheiro, panno e flanella fabricados com ella; as applicações da pita; das folhas de palmeira; a urtiga branca, etc.

Os modelos de flôres e de fructos mostram a organisação d'essas partes dos vegetaes e são meios de instruir os visitantes.

Fóra das estantes, junto da parede, estão diversos moveis, quasi todos feitos em Macau, alguns muito perfeitos. Em pequenos grupos estão os curiosos chapeus chinezes, cordas e cestos.

Ao meio da sala estão tres grupos, que a gravura mostra. O primeiro contém objectos de industria chineza, tendo por base principalmente as folhas da *Levistona sinensis* e do *rotim.* No ultimo, todos os objectos, tambem de origem chineza, são fabricados com bambú. No grupo central veem-se tóros de madeiras das arvores que entre nós attingem maior altura. Na base está um tóro de cedro do Bussaco, com um metro de diametro; sobre esse um de sobro, e em seguida de carvalho, de freixo e de pinheiros. Em volta d'este grupo estão os instrumentos agricolas chinezes.

VISCONDE DE S. THIAGO DE RIBA-D'UL (Segundo uma photographia de Guimarães)

A gravura dá idéa da disposição geral. A curta descripção que faço fará conhecer o interesse das collecções.

A distribuição dos objectos que se encontram dispostos na grande estante, brevemente será alterada, passando parte para uma nova sala, á qual só falta a mobilia necessaria. Esta nova sala egual em extenção á primeira, é superior a esta pela boa luz, que a illumina.

O HERBARIO

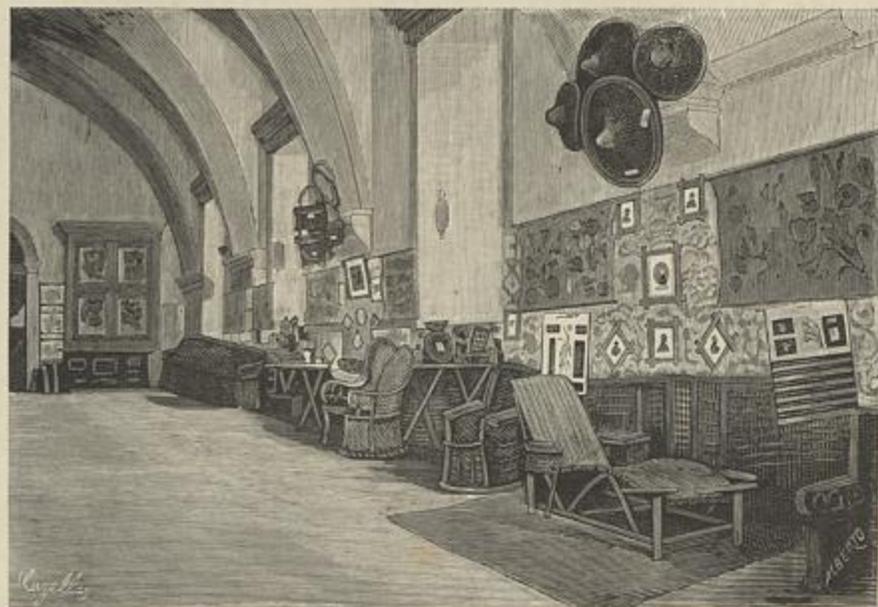
A seguir a esta nova sala, e no mesmo pavimento, está a casa que foi sacristia. Ampla, bem illuminada, tem, como se vê da gravura, estantes envidraçadas, dentro das quaes estão as plantas seccas, dispostas em pastas, como é de uso.

Estas collecções foram começadas em 1874 com o herbario do dr. Antonio de Carvalho. Hoje o herbario portuguez é já muito importante.

Um grande herbario europeu, collecções de plantas de varias regiões da terra, e especialmente o herbario da região mediterranea, formado pelo sabio professor M. Willkomm, dão a este estabelecimento um valor consideravel.

De plantas cryptogamicas de Portugal talvez não seja facil encontrar collecções tão completas, como as que aqui existem. Duas grandes mezas dão logar para trabalhar.

A par do herbario está a li-

CINTRA — VILLA ESTEPHANIA (Segundo uma photographia)

ESTABELECIMENTOS SCIENTIFICOS DE PORTUGAL — Museu do Jardim Botanico de Coimbra (Segundo photographias do sr. J. A. Henriques)

vraria, que tem mais de 2:000 volumes, contando obras de muito merecimento.

Tanto o museu, como o herbario e livraria, poderiam estar n'outra altura, se a dotação do jardim não fosse tão escassa.

Coimbra, 9—7—85.

J. A. Henriques.

CARTAS DO ALEMTEJO

II

De manhã

São 6 horas. O sol vae com a sua lingua irradiante lambendo aqui e alli os sitios sombreados do vastissimo terraço em que habitualmente passeio o leite fortificador que absorvo muito cedo e que exerce uma influencia salutar na minha constituição organica.

N'este momento escolho um banco de pedra onde o musgo pôz lavores macios e amarellados, repoiso n'elle a pacificação do meu corpo, sobre uma das mãos inclino a cabeça e com a outra assesto o oculo para as superficies irregulares dos campos que se vão requebrando nas tortuosidades do horisonte.

Em redor as casas da povoação, muito brancas e muito limpas, lembram-me um bando de pombas poisadas que estivessem prestes a desferir o vôo, e na orla que remata os campos abrangidos pela minha vista descubro pequenas povoações, que são como sentinellas guardando a villa, sobresaindo a todas pela grandeza das suas ruinas e pela imminencia da sua posição a villa de Monsaraz, cujo castello negro levanta para o ar as suas ameias carcomidas, que vão perder-se na densidade turva e cinzenta da atmosphera. Percorrem o ar n'uma alegria doida bandos de passaros que gorgeiam hymnos de agradecimento, e, aqui, muito proximo de mim, exercitos de formigas movem-se em varias direcções, ajudando-se, trabalhando todas n'uma especie de bem estar honesto e consciente e attraindo e equilibrando o meu olhar, que desce da vastidão do azul á superficie do solo, e se enche de assombro egual, ou contemple a ave que vive nas nuvens, ou admire a formiga que trabalha na terra.

O sol — este colorista prodigioso — parece que a esta hora se rejubila todo em espalhar pelo seu grande quadro, que é a natureza infinita, os tons mais variegados, e as *nuances* mais artisticas e caprichosas.

Entrelaçam-se e combinam-se as côres n'um prodigio de harmonia e o nosso pobre olhar deslumbrado, ao qual não bastaria uma existencia inteira para ver, apenas ver e admirar, e admirar ainda o mais obscuro trecho d'este quadro sublime, o nosso triste olhar tem de se repartir no mesmo momento pelas diversidades infinitas da natureza creadora.

E o sol, rei impassivel e artista soberano, vae indifferentemente continuando a sua obra de triumpho e á simples attracção do seu genio, a terra, o mais infimo dos seus quadros, vae febrilmente girando, movendo-se em torno d'elle, para que nenhuma côr se perca da palheta abundante e para que em nenhum ponto deixe de tocar o pincel do grande artista.

O mais infimo de todos e no emtanto que amor ternissimo em todo elle palpita!

O CRIME DO CORREGEDOR

(Continuado do n.º 236)

IV

A fuga

Havia ao cimo das paredes do carcere duas frestas gradeadas por onde se coavam umas claridades sombrias e tristes.

Fitou-as como quem põe os olhos na sua boa estrella protectora.

Mas estavam a tal altura que só em pensar na impossibilidade de ganhar a enorme distancia que o separava d'ellas se lhe produziam no cerebro allucinações estranhas, vertigens de medo e de desespero.

Em situações desesperadas, o impossivel não é ainda assim um estranho que a razão lance de si como intruso, ou inutil.

Elle é, em muitos casos, bom e leal amigo protector, que dá o que tem, que offerece do que póde dispôr, com uma vontade tão sincera e espontanea, que o infortunio não póde deixar de o abraçar com reconhecimento, e á força de lhe chamar a sua chimera, acaba por lhe chamar a sua redempção, a grande redempção dos desgraçados!

Assim, o pobre rapaz á força de olhar para aquella fresta, que se perdia quasi ao alcance da sua vista, foi alimentando a illusão de achar por alli uma sahida facil para a liberdade por que anciava, uma passagem das trevas para a luz, o começo de uma vida nova sobre os auspicios do seu livre arbitrio!

Assim, começou desde logo, com uma grande satisfação intima, que se não traduz com palavras, a abrir umas fendas na parede, que por fortuna sua era formada de uma argamasse areosa, que se desfazia com a maior facilidade.

Feito isto esperou a noite e poz-se a ensaiar uma escalada em fórma, com o auxilio das unhas e dos dentes, e, mais que tudo isto, com o auxilio da ancia de libertar-se das devotas garras d'aquella boa gente.

As primeiras tentativas foram infelizes. Valeram-lhe alguns trambulhões desanimadores, escalavrou-se todo, rasgou-se, mas não desistiu!

Voltou á escalada, redobrando de vigor, de energia, de boa vontade; animado de uma fé viva, de um esforço quasi sobrehumano, e em grande alvoroço, quasi louco, de uma alegria até alli nunca experimentada, achou-se afinal seguro ás grades da fresta.

O impossivel estava vencido!

D'alli á liberdade era um passo, da liberdade á felicidade não havia distancia.

A noite ia alta.

Habituado á vida do campo, aos seus labores sadios, elle aprendera a ler nos astros como em livro aberto.

Examinou o movimento das nuvens, a posição das estrellas, e achou que deveria ser pouco mais da uma hora.

Em seguida passou a reconhecer melhor o ponto em que estava.

A fresta devia dar para a horta da cêrca, e por fortuna sua ficava-lhe por debaixo, ao alcance da sua mão, o carro do convento, cujos fueiros se estendiam para elle, como se fossem outros tantos braços amigos que alli estivessem á sua espera.

Agarrou um d'elles, o que lhe pareceu melhor ao seu intento; depois, foi abalando as grades, a ponto de as deslocar da cantaria e abrir uma passagem praticavel para a horta.

Estava salvo!

Fez o signal da cruz, e de um pulo ganhou a pequena distancia que o separava do solo.

Depois avançou alguns passos no escuro, mas, cousa extraordinaria, a coragem e persistencia que até alli haviam sido suas companheiras tão fieis, começaram agora a abandonal-o.

Tremia sem saber se de si, se da sombra dos seus passos, se de alguma visão do outro mundo.

Ao lado da horta ficava a casa que servia de deposito mortuario.

Pelas vidraças coava-se a luz triste e agonisante do lampadario funebre.

Erriçaram-se-lhe os cabellos e benzeu-se de novo com a mão aberta amplamente e os dedos retezados.

O brando murmurio da ramagem trazia aos seus ouvidos expressões tetricas de um horror que o enervava.

Ao passar junto do laranjal, pareceu-lhe que ao longo do muro dois vultos se destacavam e que um d'elles dizia para o outro:

— Foge que vem gente!

Na situação em que se encontrava mesmo dos que fogem se tem medo.

Achava-se melhor sósinho, que mal acompanhado.

Absorto em mil conjecturas, cercado de receios, foi-se encaminhando para a porta, sem saber ainda como escalar o muro que dava para a rua; mas, nova surpreza, porque ainda essa difficuldade desapparecia, visto que o forte portão estava simplesmente sobre o feixo.

Sem mais exame, levantou-o, abriu uma nesga da porta, e ia deitar a correr por alli fora, quando uma creatura feminina lhe estendeu os braços musculosos, dizendo com uma grande inquietação:

— Com os diabos, que ainda nos faltam dois!

Aquella mulher que acabava de soltar tão extranhas phrases era Ondina, a cigana, com quem muitas vezes brincaram em crianças. Logo a reconheceu! Não havia duvida nenhuma de que era ella.

— Ondina! exclamou.

— José, José!

E ambos se encontraram n'um mesmo olhar, em que se traduzia egual surpreza.

Uns homens que vinham correndo espavoridos aproximaram-se d'elles e disseram:

— Calem-se, que demos com a verruma no prego.

Ondina respondeu-lhe n'uma linguagem desconhecida e elles voltaram-lhe:

— Já lá vão todos.

A cigana soltou uma gargalhada estridente.

José parecia abysmar-se em cogitações terroristicas.

— Sempre são muito cobardes! exclamou ella; tantos homens para afinal roubarem umas gallinhas e fugirem de uma criança!

E apresentou-lhe o pobre criado dos frades.

Os homens entreolharam-se em ares de duvida.

Um d'elles perguntou-lhe:

— Então que fazias tu pela horta a estas horas?

Ondina fitou-o com o seu olhar ardente e dominador.

— Responde; não tenhas medo, que estou aqui.

Aquella attitude protectora de todo o tranquillisou.

Contou quanto lhe havia succedido e os tres personagens dispensaram-lhe a maior attenção.

De quando em quando exclamavam:

— Coitado!

Quando elle descrevia as impressões horrorosas do auto de fé que presenciara, Ondina parecia absorvida em mil pensamentos que a deliciavam.

— Tu falas bem, diziam os dois scellerados.

Nunca a odiada cigana ouvira palavras assim, coloridas de um sentimento tão vivo, nem falar d'aquelle modo de um suppliciado, de um reprobo, de um espurio, de um paria, com tamanha compaixão, com tanta caridade.

E mais ainda por uma outra circumstancia que não lhe podia ser indifferente, porque esse homem de quem se tratava era seu pae, pertencia a uma raça maldita, desprezivel, vagabunda, que a sociedade repellia madrastamente, considerando-a a vergonha da sua especie, uma aberração da humanidade, não menos desprezivel que essa outra aberração por egual detestada — os judeus.

Assim, ter dó de um cigano, sentir as suas dores, soffrer com os seus tormentos, pareceu a Ondina coisa tão espantosa, tão extraordinaria, que da sua alma se apoderou um sentimento desconhecido de gratidão por aquelle rapaz.

Esse rapaz, que em tantas circumstancias da vida o acaso puzera no seu caminho, afigurou-se-lhe alguma coisa mais do que um amigo, um simples affeiçoado; viu n'elle como que o seu destino, o saudavel balsamo do golpe que os inimigos da sua raça acabavam de lhe vibrar ao coração.

Então ergueu a fronte, sacudindo ao vento os seus longos cabellos, e estendeu para o seu amigo de infancia os braços vigorosos, cingiu-o com doçura incomparavel.

— Eu sou Ondina, lhe disse, a vagabunda, a ladra, tão odiada quanto temida. Pois bem, de hoje em diante serei a tua escrava, satisfarei todos os teus caprichos, realisarei todas as tuas vontades, porque desde este momento consagrei-te a minha vida, liguei aos teus destinos a minha sorte e o meu futuro será o teu. Morrerei comtigo e tu virás para mim!

Estas palavras produziram no rapaz o effeito prodigioso de um philtro inebriante.

Deixou-se abraçar por aquelles braços cujo calor o aquecia, cujos estremecimentos tinham para elle o poder da fascinação.

— Ah! Ondina, Ondina! exclamou. Salva-me, salva-me! que se me apanham estes frades malditos tenho certa a mesma sorte que deram a teu pae!

Elle estava bem longe de comprehender que os braços d'aquella mulher eram uma extranha cadeia indissoluvel que o arrastaria fatalmente ao crime!

Dias depois, aos primeiros alvores da madrugada, apeavam-se elles lestamente, junto de uma pequena cabana formada de troncos de olmo e coberta de graciosa verdura.

Acudiu-lhe logo á lembrança do pobre rapaz a sua aldeia, e porque n'aquelle panorama se lhe reproduzissem antigos logares conhecidos da sua mocidade, respirou de alegria, como se entrasse em vida nova.

Um assobio prolongado fez com que a porta se abrisse como por encanto e aos seus humbraes apparecesse, armado de trabuco, uma figura hedionda, que tinha mais aspecto de monstro que de homem.

Vestia fato de pelles, e usava toda a barba, que era longa e preta, chegando-lhe até aos peitos. A sua musculatura denunciava um vigor extraordinario e o seu olhar scintillante faiscava como fogo.

Aqui, n'um canto esquecido e isolado, n'um trecho quasi imperceptivel na tela assombrosa, aqui mesmo, como se revela a magestade do teu espirito e a profundeza do teu coração, ó sol, ó poeta do universo, que principias a espalhar a tua luz gloriosa pelos pincaros das montanhas e pelos cerebros dos poetas!

Aqui mesmo, que concepções magestosas, que variedade de tons!

As curvaturas das linhas extremas do horisonte parecem revelar-me a elasticidade do teu genio, ao passo que as tintas diversissimas que matisam a paisagem opulenta me decifram o segredo harmonioso das côres, que são como constellações de luz iriada cobrindo toda a superficie da terra.

O amarello das searas semelhante ao reflexo pallido e afastado do incendio que alastra, o verde esmorecido das azinheiras frondosas, cuja vida na terra tem sobre nós a magestade de tres seculos, o verde branco das folhas espalmadas das faias, o verde metalico e fresco das folhas estreitas dos eucalyptos, o vermelho sanguineo do alandros aquatico e o rosado claro das boganvilles opulentas, ao longe, a côr pardacenta de um velho castello que desaba e cuja cimalha se esconde na caliginosidade perturbada da atmosphera, aqui e além a côr terrea e arida de pequenas zonas incultas, e só n'um, ou n'outro ponto cobertas de rochedos sobrepostos que lembram flôres de cinza sobre brazeiras colossaes, pomares vastissimos carregados d'aquelles pomos deliciosos que *estão virgineas tetas imitando*, na phrase do poeta: aqui e além por toda a parte, relva que alastra, arvores que frondejam, flores que sensualisam o ambiente, emfim todo este assombroso conjuncto de maravilhas sobre as quaes ostentas o teu poder, dá ao meu espirito o mesmo deslumbramento que os teus raios, ó sol, dão aos meus olhos quando te fito.

Como se nada podesse n'esta hora deixar de celebrar a tua apotheose, até o pequeno cemiterio de Reguengos que perto de mim alveja, tão branco, tão florido, me parece n'este momento em que a tua claridade o innunda, que eu, habitual inimigo d'aquellas moradas de sepulchros, olho-o com affecto porque me parece ver debaixo de cada jazigo uma seiva que rebenta, uma vida que germina e um pó que se transforma.

Ri a natureza na sua alegria fecunda.

Cada ave é um instrumento musical, cada bando uma orchestra, cada flôr um jubilo, cada mugido uma prece, cada montanha uma aureola. Levanta-se um concerto infinito de vozes, que te glorificam, ó sol, e, entre tantas, apenas uma nota pungitiva que oiço proximo, abate subitamente o meu espirito e melancolisa o meu coração — é um choro soluçante de creança que vem recordar-me agora mesmo que o homem desde que nasce, só póde collaborar na grande obra harmonica do universo com a manifestação pungente da sua dôr eterna!

Oiço bater as oito na torre da povoação. O movimento e a vida trasbordam de toda a parte. Passam mulheres com cantaros cheios aos quaes longas cordas se enroscam; parelhas de valentes muares puxam os conhecidos carros alemtejanos que conduzem objectos de lavoira; pelas pastagens repoisam placidamente grandes varas de porcos, ao passo que se escuta o balar das ovelhas e se vêem trepar pelas encostas rebanhos de cabras; uma nora ao longe, no seu movimento pautado, chia umas notas prolongadas e gemidas, cuja monotomia é quebrada pelo ruido da agua que cae dos alcatruzes; em algumas eiras ainda se está formando o calcadouro do trigo e em outras vae

---

Ia dizer alguma cousa, mas ao ver na companhia de Ondina um estranho, retrahiu-se; depois, como se não pudesse conter n'uma alegria feroz, e lançando-lhe olhares cobiçosos de rapoza gulosa, exclamou:

— Olá, temos caça fresca?

Ondina, só com um gesto, obrigou-o a afastar-se, como confundido e envergonhado.

José teve n'esse instante, não se sabe por que razão instinctiva, saudades vivissimas do seu convento de Santo Eloy.

As palavras d'aquelle homem careciam de explicação.

A que chamava elle *caça fresca?*

A cabana, cuja apparencia pittoresca parecia a realisação de um ideal bucolico, dava para uma gruta extensa, cavada nas entranhas da terra, e cuja abertura principal ficava na escarpa do monte proximo, para além do valle, cavada muitos metros abaixo do solo e apresentando o aspecto phantastico de uma vasta galeria irregular, que se alargava em muitos pontos e apertava n'outros por modo que mal daria passagem a uma pessoa.

Foi ahi que o homem de fato de pelles o conduziu e encerrou, sem outras explicações, além d'esta singular advertencia:

«Tenho ordem de lhe não tocar com um dedo, mas advirto-o de que sou eu o guarda d'esta passagem secreta».

N'esta situação o deixaram por muitos dias, sem que lhe apparecesse outra pessoa mais do que a encarregada de lhe ministrar o alimento.

Imagine em que estado de desespero o desgraçado se não viu!

Aquelle antro da caverna era para elle mais temivel que o carcere immundo do convento de Santo Eloy.

Amaldiçoou mil vezes aquelle encontro fatal e perguntou a si mesmo se não seria um castigo quanto lhe estava succedendo, se a sua razão e o seu coração o não teriam illudido, quando se insurgiram contra aquellas manifestações apparatosas da justiça humana!

Ás vezes sentia ruidos estranhos, e na mesma noite do seu encerro na caverna pareceu-lhe ouvir a distancia gritos dolorosos como de alguem a quem estavam arrancando a vida lentamente, na mais cruel tortura.

Occorreu-lhe então á mente as palavras do homem de fato de pelles e julgou ter atinado com a significação d'ellas.

Horrorisou-se.

A sua alma encheu-se de um pavor mortal. Estar-lhe-ia reservada alguma d'essas vinganças selvagens de que mais de uma vez na sua infancia ouvira narrar á lareira, em mil historietas de sortilegios e maleficios, attribuidos quasi sempre a judeus e a ciganos?

Elle tinha um grande amor á vida, era ainda uma creança, que mal começára a percorrer a grande estrada e a quem a fatalidade desviára por atalhos inconcebiveis, d'onde todavia lhe era licito esperar ainda uma sahida prospera, que descobrisse mais largos horisontes ás suas aspirações.

Que mal havia feito a Ondina para receiar d'ella uma vingança tão cruel, para que o entregasse á ferocidade d'aquelle monstro que farejava carne fresca, com toda a voraz cobiça de lobo velho, esfaimado?!

Do fundo da sua caverna, invocava a imagem d'essa mulher e encontrava-a no seu espirito como um singular e inexplicavel protesto contra os seus receios, contra as suas recriminações. Então considerava-se injusto, por descrer do unico appoio que lhe restava, e anniquilar por suas proprias mãos a unica esperança que lhe era licito conservar illesa na terrivel situação em que se encontrava nos fundos abysmos da sua alma.

Esperou, alimentando-se d'essa fé, illuminando-se com os reflexos d'essa luz fugitiva. Decorridos oito dias, Ondina surgiu-lhe como por encanto, viril, formosa, fascinante como nunca.

Trazia n'uma das mãos um pequeno ferro e na outra um cinzeiro de metal com alguns carvões em braza.

Tão fascinado, ficou, porém, com a apparição d'aquella mulher que nem reparou n'essa circumstancia.

Decididamente Ondina exercia sobre elle um ascendente irresistivel.

Ia dirigir-se-lhe, falar-lhe, interrogal-a a respeito do que se estava passando, quando ella se lhe antecipou, dizendo:

— O perigo já passou em parte e eu venho restituir-lhe a liberdade. Ou tomar por essa galeria que fica em frente e vae dar ao outro lado da montanha, isto é, sair d'aqui, ou voltar pelo mesmo caminho por onde o trouxeram para aqui e ficar em nossa companhia. Advirto-lhe, porém, que ha poucas horas saiu da aldeia proxima uma força de cavallaria que anda á sua procura; mais ainda: em qualquer povoado que entre, hade encontrar editos em que a sua cabeça é posta a preço como ladrão sacrilego, heresiarca e assassino.

Hesitante, afflicto, avergado ao peso de tão grandes accusações e de tamanhas responsabilidades, elle exclamou em ancias de muito desespero:

— Se foi para me dizer isso que me trouxe comsigo, que me encerrou n'esta medonha caverna, melhor fôra que me houvesse deixado onde me encontrou e não accumulasse sobre a minha cabeça tremendas accusações de crimes que não commetti.

— Quer dizer então que está resolvido a ficar?

— Pois não disse que o meu destino seria o seu destino?!

Ondina soltou um suspiro profundo, que parecia occultar um estranho pesar.

Depois, n'um tom de voz mais brando, com essa apparente humildade feminina que tudo consegue e é o segredo da sua força e do seu extraordinario ascendente sobre o homem, proseguiu:

— Disse, mas é forçoso que nada lhe occulte. Levada pelos ardores da minha phantasia cheguei a persuadir-me que era livre, que podia dispor da minha vontade como qualquer outra mulher, que podia obedecer unicamente aos impulsos da minha alma.

— E quem se oppõe a que o seja? Não me affirmou...

— Enganei-o.

D'esta vez o moço dos frades estremeceu.

— Enganou-me?! repetiu a medo.

— Ou antes enganei-me eu, emendou ella. Nós os ciganos formamos uma sociedade á parte, com as suas leis, os seus costumes e uma especie de civilisação propria e primitiva que o contacto de seculos com as outras raças dominadoras jámais conseguiu adulterar. Suppuz que trazendo-o para o seio da minha tribu, dando-lhe a minha affeição, consagrando-me a si, nenhum perigo poderia ameaçal-o que não fosse partilhado por nós todos.

Não se atrevia já o pobre rapaz a dirigir a mais insignificante objecção. Ia mudando de côr gradualmente, fazendo-se pouco a pouco de uma pallidez marmorea.

Ondina não tratava de reanimal-o. Proseguia no mesmo tom humilde, e quasi funebre, proprio a incutir pavor.

— Elevei mais alto o pensamento; pensei em que poderia ainda um dia emancipar-me d'esta gente que me rodeia; a sua audaciosa fuga do convento revelou-me um homem arrojado e de acção; a sentida narrativa dos seus infortunios e dos infortunios de meu pae, acabaram por alluminar-me de todo.

E porque abaixasse a fronte, como se a envergonhasse o correr do pranto, elle gritou-lhe n'um accesso de enthusiasmo, com todo o seu ardor de mocidade, com todo o vigor da sua alma:

— Ondina, Ondina!

— Desgraçado! se o ouvissem pronunciar o meu nome d'esse modo, a sua vida estava condemnada para sempre. Se quizer viver com esta gente em paz, renuncie a outro titulo que não seja o de meu irmão. Escute. Posso falar-lhe agora com mais desafogo porque elle não está na caverna. Saiu esta manhã. Foi á descoberta e por estes dias temos caçada. Hade assistir a ella. A sua apparição foi habilmente preparada por mim, auxiliada pelos quatro companheiros d'aquella noite em que o encontrei. O seu titulo de recommendação foi o roubo do convento, e a perseguição que lhe fazem. Mas não era bastante. Eu consegui persuadil-os de que era de origem cigana o amigo que lhes trazia. Falei de si com enthusiasmo egual áquelle com que me falou de meu pae. Não estavam costumados a ouvir similhante linguagem. Não sei se me trahi; o que sei é que o homem de fato de pelles, como nós lhe chamamos, fez-me uma advertencia, ou antes recordou-me uma circumstancia que na verdade eu tinha esquecido, e era que meu pae lhe havia concedido o direito de me escolher por mulher. Portanto não parecia bonito que eu na sua presença exaltasse outro homem que não fosse elle.

— Logo...

— Tem de acceitar o alvitre que lhe propuz: fugir quanto antes d'estes logares malditos em que se vive para o crime, ou ficar, resignando-se ao papel que lhe distribui.

Ondina, ao dizer isto não tirava os olhos do ingenuo rapaz, como se estivesse lendo o que lhe ia na alma.

— Não! exclamou elle. Nem sairei d'aqui, nem Ondina pertencerá a esse monstro com fórma humana.

— N'esse caso que tenciona fazer?

— Não sei. Fugiremos ambos.

Ondina soltou um suspiro profundo.

— Fugir! Ah! E para onde? Ignora acaso que em qualquer parte que nos encontremos, nem eu deixarei de ser Ondina, a cigana, nem o meu pobre companheiro conseguiria illudir a vigilancia da justiça que o persegue, porque...

— Oh! basta! A despeito de tudo ficarei, e juro, Ondina, juro que saberei salval-a dos perigos que a ameaçam.

— E será como nós cigano, e participará dos trabalhos e riscos d'esta vida errante e maldita?

— Sim, serei tudo por arrancal-a das mãos d'aquelle monstro.

Ondina estendeu-lhe os braços de uma maneira triumphante, e pousou-lhe nas faces, escandecidas pelo ardor da febre, o seu primeiro beijo.

(Continúa)

Leite Bastos.

adeantado já o trabalho da debulha; nos ramos das arvores e sobre o chão aceiado, raparigas e velhas estendem para o enxugadoiro as ultimas peças de roupa lavada nos espaçosos tanques; em officinas especiaes amassam-se e estendem-se grandes leiras de barro para a construcção do tijolo e para a fabricação dos largos potes que feitos por camadas sobrepostas, a olho nú e com simples tacto, parece rirem-se com a sua bocca escancarada dos progressos da geometria; surgem vagarosamente bois que passam para o serviço das eiras; e n'este outro concerto, emfim, ouve-se tambem uma nota rude e destoante que vem perturbar a harmonia pacifica: é o ruido que produz o malho ao domesticar na bigorna a rigidez do ferro.

Chamam-nos para o almoço que devoro com appetite, sem exceptuar a sopa da abertura, que é parte obrigada em todos os almoços alemtejanos.

É domingo. Vamos dar uma volta pela villa que apresenta hoje o seu aspecto mais garrido e o seu ar mais folgasão.

Um amigo nosso chegado antehontem, enverga o seu fato mais cuidado e elegante para visitar os sitios e as pessoas de que treze annos o tinham afastado.

Monsaraz prepara-o com phrases curtas e humoristicamente sublinhadas para a ovação de dedos apontados, de risinhos que despontam, de mulheres a cochicarem pelas janellas, de recordações narradas, de ahs! de ohs! que vão levantar-se á sua passagem triumphante.

«Como estás gordo!» exclama um amigo velho olhando-o com o mesmo espanto com que fitaria o papa se viesse a Reguengos.

«Olha o menino a quem eu dei tantas palmadinhas em pequeno!» brada com olhares de enternecimento uma creatura ingenua de cabellos brancos, ao mesmo tempo que torce um branco lenço! acabado de lavar no tanque da horta.

«E eu que andei com o menino ao collo!» diz d'alli outra creatura dos seus setenta, assombrada perante o milagre inexplicavel de ter bigode e estar um pouco mais crescido aos vinte e seis annos, um rapaz que ella conheceu aos cinco.

Elle, coitado, dá tratos á memoria, e vê-se deveras embaraçado perante esta responsabilidade gravissima: desempenhar o papel de lembrado, de patricio, de velho conhecido!

Pesa sobre nós a pressão da atmosphera que nos força a dormir a sesta para não desmentirmos os habitos do Alemtejo.

São duas horas. Os meus companheiros de quarto principiam a ressonar estrepitosamente, e, palavra de honra, é o que te vale, leitor amigo, porque o somno principia tambem a cerrar-me as palpebras e sou assim forçado a pôr ponto aqui, com grande gaudio teu, do qual prometto vingar-me ainda na proxima carta.

Jayme Victor.

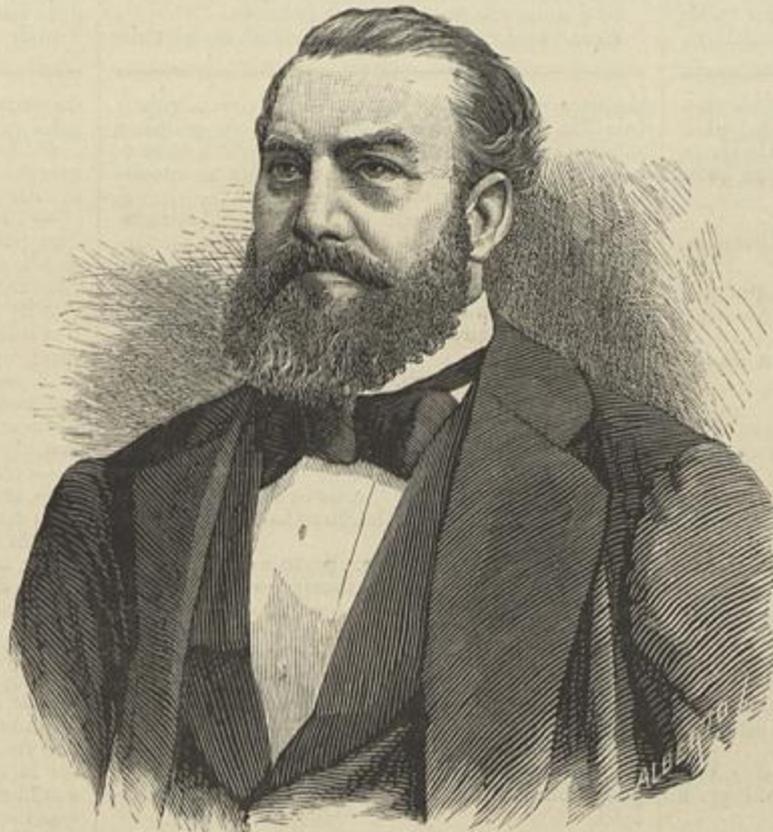
RESENHA NOTICIOSA

Sociedade artistica. Está em via de formação uma sociedade de aguarellistas em Berlim, e já trata de organisar uma exposição para a primavera de 1886.

Festival de Hændel. O grande festival organisado em honra do grande compositor, começou em Londres no palacio de Christal, a 22 de junho. Cantou-se além de outras obras, *O Messias*. Foram muito admirados os solos das sr.as Albani e Patey e dos srs. José Maas, Foli e Stanley. O numero dos ouvintes foi de 22:721.

Nilson. Os periodicos dinamarquezes e norweguezes annunciam que a celebre cantora Christina Nilson, appellidada o *rouxinol da Suecia*, fará no fim da estação estival, um giro artistico pela Suecia e Finlandia com o emprezario Strakosh.

Rossi. O celebre actor Ernesto Rossi acha-se em Leipzig, onde tem representado com grande successo o *Othello*, *Rei Lear* e *Hamlet* no Stadttheater. Diz-se que o grande actor, apesar da sua edade madura, está aprendendo com todo o fervor o allemão, afim de poder declamar n'esta lingua os seus principaes papeis e poder assim ser melhor apreciado pelos allemães.

Acção meritoria. Falleceu no dia 22 de junho, proximo passado, a ex.ma sr.a D. Maria das Dores de Montaury Guerreiro Caldeira, victima de uma congestão pulmonar que em poucos dias a levou á sepultura. Esta infeliz senhora, que vivia apenas de uma pequena pensão de 18$000 réis, ainda cercada, era uma das duas filhas sobreviventes do grande patriota José Antonio Guerreiro, o homem que duas vezes, uma no Brazil, outra em Londres, mostrou com toda a energia a D. Pedro IV a obrigação que lhe corria, de vir pôr-se á frente dos que defendiam uma constituição que ninguem lhe havia pedido, e que depois foi a alma da regencia da ilha Terceira, e por estas circumstancias, talvez aquelle a quem a ordem de coisas hoje existente em Portugal, mais deva a sua consolidação.

Ernesto Chardron — Fallecido em 29 de junho de 1885
(Segundo uma photographia de C. Benard)

Foi chamado para acudir áquella senhora o sr. dr. Marcellino Craveiro, que não precisa de elogios. Este cavalheiro não só dispensou á doente todos os seus disvellos gratuitamente, mas apenas a infeliz senhora se finou, dirigiu-se ao sr. ministro do Reino, dizendo-lhe estas simples, mas eloquentes palavras: «Acaba de fallecer a filha de José Antonio Guerreiro, e a sua familia não tem meios para o seu enterro.» O ministro mandou immediatamente abonar 60$000 réis para esse effeito. Honra a ambos. Resta o complemento. A illustre senhora deixa dois filhos: um já homem que tem um escassissimo vencimento, e outro de 8 annos de edade, a quem nada ficou. O paiz deve alguma coisa á memoria d'aquelle grande homem.

Gœthe Museum. Os grão-duques de Saxe-Weimar, consignaram 200:000 marks, dos seus fundos para a creação de um museu d'aquella denominação, e para a reparação da casa de Gœthe e da mobilia d'ella.

Despertador para incendios. Realisou-se em uma casa do Arsenal de Marinha, em presença do sr. superintendente do mesmo arsenal, e de varios officiaes de marinha, a experiencia de um novo apparelho electrico, invenção dos srs. Joaquim José de Almeida Junior e Guilherme José de Almeida, empregados do Arsenal, destinado a denunciar a existencia de fogo em qualquer casa, logo que elle se manifeste. O apparelho que é bastante engenhoso, deu os melhores resultados na experiencia a que se submetteu, pois que, collocado em uma casa, e tendo-se lançado fogo a um pouco de papel, em outra casa da mesma propriedade, logo denunciou a existencia do fogo, tocando fortemente uma campainha electrica. Se a pratica provar a utilidade d'este invento, será elle de uma utilidade geral, que muito honrará os seus inventores, e grandes males poderá remediar de futuro.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Elementos para a historia do municipio de Lisboa, pelo sr. Eduardo Freire de Oliveira. Terminado, apenas ha dias, o 1.º volume d'esta importante publicação, eis que nos apparece já o 1.º fasciculo, ou primeira folha do 2.º volume, em que se continua a materia do antecedente, que, segundo uma declaração proemial, se diz haver-se dividido em dois, para não tornar o volume de descommunal grossura. Com a mesma curiosidade abre logo este novo tomo por um triste documento, que é o juramento de fidelidade e entrega da cidade, pelo municipio lisbonense, ao usurpador Filippe II de Castella, e I de Portugal, nas mãos do seu terrivel logar-tenente, o duque de Alba, que acabava de derrotar as hostes collecticias e indisciplinadas do Prior do Crato, e de fazer enforcar um notavel general portuguez, sob pretexto de haver prolongado a resistencia além do que era permittido pelas leis da guerra. O' Palafox! que theoria esta para um general hespanhol, quando tu respondeste *resistencia até á facada!*

Revista dos estudos livres. Directores litterario-scientificos, em Portugal: dr. Theophilo Braga e Teixeira Bastos; no Brazil: drs. Americo Braziliense, Carlos Kosseritz e Argymiro Galvão... Lisboa. Nova livraria internacional, 96, rua do Arsenal. 1885. — É o n.º 3 do 3.º anno, e comprehende: *Victor Hugo*, pelo sr. Teixeira Bastos; *Sobre a poesia popular da Galliza* (conclusão), pelo sr. Theophilo Braga; *De marçano a commendador*, por F. S. Chaves; *Individualismo e colonisação*, pelo sr. Carlos de Mello; *Lingua creola da Guiné portugueza e do archipelago de Cabo Verde*, por Frederico de Barros, etc.

Bibliotheca do povo e das escolas. David Corazzi, editor. Empreza Horas Romanticas. Lisboa, 40, Rua da Atalaya; filial no Brazil: 38, rua da Quitanda, Rio de Janeiro. — Fasciculo n.º 109, *Noções geraes de Zootechnia*, pelo sr. Ludovico Caetano de Menezes. Desde a Introducção ás sciencias physico-naturaes, Zoologia e outros diversos tratados que versam sobre a especie ou reino animal, se tem feito a historia natural de muitos d'elles, e completa-se esse estudo com o de saber crear, melhorar e utilisar os animaes domesticos de que trata o presente volume, util a muitos respeitos.

Catalogo da livraria que foi do fallecido dr. João Vieira Pinto, etc. Porto, Typographia Occidental, 1885. Este Catalogo feito expressamente para a venda em leilão da referida livraria contém a relação de 8:678 obras em cerca de 20:000 volumes. Vê-se que não presidiu á confecção d'este Catalogo outra idéa que não fosse o fazer uma relação de livros conforme viessem á mão, e d'isto resulta uma grande confusão e não menor difficuldade para quem quizer procurar alguma obra ou avaliar a importancia da livraria pelo maior ou menor numero de obras raras ou superiores. Para os interessados na bibliographia e que tenham paciencia para destrinçar este labyrinto, ahi fica o aviso do Catalogo que poderá ser requisitado ao sr. Domingos Gonçalves de Sá, no Porto. O leilão principia no dia 1 de agosto proximo, na casa da Rua de Traz da Sé, 37. Tambem se recebem propostas para a compra da livraria em globo.

Typ. Elzeviriana. — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.